ly 84
SNA
16

A LAVOURA

2ª SÉRIE

N. 10

2º ANNO — 1900

IMPRENSA NACIONAL

A LAVOURA

BOLETIM

DA

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

PUBLICADO

SOB A DIRECÇÃO DA REDACÇÃO

2ª SÉRIE

N. 10

2º ANNO — 1900

RIO DE JANEIRO
NA SÉDE DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA
PRAÇA QUINZE DE NOVEMBRO (LARGO DO PAÇO)

CAIXA DO CORREIO N. 1245

ERRATA

No artigo — « As proximas plantações », pag. 9, onde se lê, no segundo periodo — Nenhum exemplo, etc. — leia-se — Nenhum assumpto.

A' pagina 12, onde se lê — o que succede aos paizes, — leia-se — o que succede aos paiões, etc.

1ª SÉRIE — I CAPITAL FEDERAL JANEIRO, 1900

A LAVOURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

BOLETIM DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

A LAVOURA

Não foi sem resultados praticos para a melhoria das condições da lavoura, o anno que findou.

O Congresso Federal veiu em auxilio da propaganda por nós iniciada a favor do consumo do café e que hoje está especialmente a cargo do *Centro da Lavoura de Café do Brazil*.

Para isso, em dias de verdadeira inspiração patriotica, que se devem contar pelos mais felizes da legislatura finda, foram votados um auxilio pecuniario aos trabalhos do *Centro* e uma tarifa de combate destinada a fazer cahir as barreiras que alguns paizes, notadamente a França e a Italia, oppoem á entrada do nosso café.

O governo da União reviu as tarifas da E. F. Central, de modo a desonerar esse producto e mais especialmente a permittir o escoamento dos cereaes que se estagnavam no interior, por não poderem arcar com os fretes, facilitando ao mesmo tempo a entrada de adubos e utensilios nas zonas agricolas.

Além disso, testemunhando apreço aos esforços de nossa Sociedade, entre varios outros auxilios, acaba elle de ceder-nos, a titulo gratuito, a Fazenda Grande, na Penha, Districto Federal, e a Fazenda de Santa Monica, no municipio de Valença, Estado do Rio, afim de organisarmos campos de cultura, que demonstrem aos agricultores as grandes vantagens economicas dos methodos scientificos sobre os da velha rotina.

Nos Estados, os representantes dos poderes publicos vão comprehendendo que os melhores serviços que podem prestar ao seu paiz e ao seu partido, são os que favorecem á producção nacional e, no inventario administrativo de 1899, alguns Estados se assignalam por medidas de real utilidade para a agricultura, e que mais honram aos respectivos administradores que as suas victorias politicas.

A seu turno, os agricultores vão reagindo, dia a dia, mais efficazmente, contra o desanimo que lhe causara a crise.

Novas culturas teem sido ensaiadas, com efficacia já demonstrada, umas, com animadora perspectiva, outras.

O espirito de associação vai conquistando proselytos ; 70 sociedades e clubs agricolas se organisaram, durante o anno, elevando assim a 81 o numero total dessas agremiações, que temos pelas mais patrioticas e uteis, no momento actual.

Todas ellas inscreveram em seus programmas o estudo e melhoramento dos processos agricolas e das culturas locaes, e o Club Agricola de S. Carlos do Pinhal, em S. Paulo, já demonstrou quão bem orientado está e quão sinceramente zela os interesses da lavoura, inaugurando seus campos de experiencias e demonstração.

Alguns clubs, é certo, viciaram seus intuitos hybridando-se com a politica ; pelo que receiamos muito que se tornem maninhos, si não resultar, pelo peior, darem fructos nocivos tanto á lavoura como á politica.

A mais difficil, mas tambem a mais fecunda das fórmas de associações agricolas, que é a da convergencia de capitaes em mutualidade, já não é de todo extranha á lavoura, pois teve nesse anno a sua iniciação em tentativas feitas em S. Paulo e em Barra Mansa.

Entrou, pois, a lavoura na estrada larga que lhe temos apontado como sendo a unica que lhe póde dar prosperidade.

E', na verdade, pelo esforço e pelo merecimento proprio que os individuos e as classes podem se tornar verdadeiramente fortes e prosperos em um bom regimen social.

Ao Governo compete sómente a direcção dos interesses geraes da sociedade, garantindo liberdade a todas as actividades legaes e removendo do caminho que ellas trilham todo o obstaculo que não é reclamado pelo interesse da collectividade.

Essa é a boa doutrina, que vemos com satisfação ir lançando raizes nos nossos costumes.

O Governo, affrouxando os laços da tutella que entorpecia os orgãos da Nação, presta, no entanto, auxilio á iniciativa, por meio da qual elles procuram se tornar fortes pelo trabalho, que é a sua gymnastica.

A lavoura, a seu turno, e só nos referimos a essa classe, porque ella por si representa hoje o paiz, que sómente nella póde encontrar recursos para debelar a crise, a lavoura, diziamos, emancipando-se do antigo vezo de tudo esperar do paternal governo, procura robustecer-se pelo trabalho, pela iniciativa, pelo estudo e pela associação.

Muito ha que esperar da reforma de costumes assim iniciada. O povo brazileiro não tem menor capacidade de assimilação para o progresso do que outros que, no entanto, se lhe avantajam. A lavoura, especialmente, conta grande numero de homens intelligentes, para os quaes nenhuma outra applicação intellectual poderá apresentar maiores attractivos que o arroteamento do solo, quando feito sob a direcção dos principios agronomicos, pelos multiplos e interessantes factos e problemas que então se lhes offerecem, diuturnamente, a estudo. Tives-

sem esses agricultores applicado, em tempo, os recursos de seu espirito ao estudo criterioso da lavoura e á orientação de sua classe e a crise não teria certamente explodido.

Está, porém, iniciada a reforma. E' ainda tempo de remediar o que não foi evitado. Aos primeiros esforços não se fizeram esperar os desejados effeitos e o balanço do anno de 1899 salda-se com resultados grandemente animadores.

Os preços do nosso café melhoraram de 48 °/o, a despeito da subida do cambio, e a propaganda organisada para promover o augmento do consumo do nosso principal producto é uma garantia segura para que esses preços continuem em alta.

A cultura do algodoeiro vai se estendendo aos Estados do Rio, Minas e S. Paulo, e a propaganda da substituição do sacco de aniagem pelo de algodão e que já tem conquistado adhesões entre as proprias fabricas de aniagem, promette dilatar amplamente o consumo dessa fibra nacional.

A borracha libertou-se do regimen extractivo em que persiste nos Estados do Norte e veiu implantar-se no Sul sob o regimen de cultura, já fornecendo a mangabeira apreciavel receita ao Estado de S. Paulo e apresentando-se agora a maniçoba em extensas e promissoras plantações, nos Estados do Rio de Janeiro e de Minas.

A cultura do fumo, já tão importante em Minas, Bahia e Rio Grande do Sul, onde tem prosperado, conquistou terreno no Estado do Rio. A batata ingleza já é um producto nacional. O feijão da China está definitivamente acclimado e já começa a fazer parte da alimentação no interior de Minas e do Rio de Janeiro. A *soja* do Japão, igualmente acclimada, faz neste anno sua entrada no mercado. A viticultura recebeu notavel impulso. O trigo, finalmente, que representa na nossa importação a somma de 63.000:000$, reapparecerá este anno no mercado com marca brazileira, procedente do Paraná.

Não pretendemos a gloria de termos sido os autores de tão assignalada melhoria nas condições da lavoura. Outros e poderosos auxiliares teve a lavoura a seu lado e, ao brio, ao zelo, ao interesse premente da classe, cabe certamente parte na efficiencia de taes conquistas.

Assignalamos, porém, que a Sociedade Nacional de Agricultura e este seo *boletim*, tiveram por vezes a iniciativa e sempre dedicada cooperação nesses resultados.

O historico dos trabalhos da Sociedade virá dentro em pouco relatar ao publico o que foi e o que conseguiu o nosso esforço.

Não nos move o amor-proprio na campanha que sustentamos, mas sómente o sincero desejo de servir ao paiz. Si alludimos á nossa cooperação, foi sómente para dar á lavoura o testemunho da sinceridade com que procuramos desempenhar o compromisso que contrahimos para com ella.

Insistimos, porém, nos resultados alcançados durante o anno de 1899 para felicitar a lavoura pelos bons auspicios sob que inaugura o presente anno e para concital-a a proseguir, com animo forte, na reforma de seu regimen, pelo trabalho, pelo estudo, pela iniciativa e pela associação.

WENCESLÃO BELLO.

Congresso de agricultura e industria rural em commemoração do descobrimento do Brazil

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1887

A Sociedade Nacional de Agricultura, adherindo, em extremo desvanecida, á iniciativa da patriotica Associação que intenta commemorar, em festas solemnissimas, o grande acontecimento historico da descoberta do Brazil, julga prestar com a maior efficacia o seu modesto concurso á realisação de tão nobres e elevados intuitos, promovendo as demonstrações publicas que lhe parecem mais proprias a caracterisar, entre nós, a evolução do trabalho no dominio da agricultura e das industrias ruraes.

Elaborando o programma que ora offerece ao criterio da operosa classe da lavoura, só lhe pareceram exequiveis os ideaes que nelle se concretisam pela confiança que lhe inspiram aquelles que a teem alentado nas lutas da propaganda, impulsionando-a com seus estimulos, fortalecendo-a com o apoio generoso com que a prestigiam.

Não desconhece a Sociedade Nacional de Agricultura quão ardua é a missão que se impoz, quaes os embaraços que coarctam á sua realisação; mas, no auxilio que confiantemente invoca ha-de encontrar novas energias para servir a causa da lavoura, que, no grande certamen a realisar-se, demonstrará sem duvida, pela exuberancia de seus recursos, que fóra de sua esphera de acção não ha como resolver a situação financeira do paiz.

Incontestaveis proventos advirão á lavoura, quer do Congresso, onde serão debatidas as interessantes theses confiadas á competencia de reputados profissionaes, quer do Museu de agricultura e de industria rural, destinado a reunir grande somma de variados productos, e si essas demonstrações não constituirem attestado de força e de progresso, atravez dos seculos decorridos, servirão de incentivo á cruzada regeneradora em prol da reforma agricola do Brazil.

REGULAMENTO

CAPITULO I

DOS FINS E ORGANISAÇÃO DO CONGRESSO

Art. 1.º O Congresso terá por fim o estudo das questões que mais interessam á agricultura nacional, discutindo e resolvendo sobre o modo pratico por que os agricultores e os poderes publicos devem cooperar para a prosperidade de nossa industria agricola.

Art. 2.º Os trabalhos do Congresso constarão de:

a) publicação de monographias sobre a solução pratica das questões indicadas no programma;

b) discussão sobre as conclusões apresentadas pelos autores das monographias;

c) leitura de memorias que, sobre assumptos agricolas, sejam offerecidas á Sociedade;

d) inauguração de um Museu de agricultura e industria rural, em que sejam representados, a par dos productos nacionaes, os similares de procedencia estrangeira;

e) conferencias sobre assumptos agricolas, realisadas pelos membros do Congresso.

Art. 3.º O Congresso será constituido:

a) pelos membros da Sociedade Nacional de Agricultura, que estiverem quites com a thesouraria da Sociedade;

b) pelas pessoas que, por sua competencia especial, sejam convidadas a tomar parte no Congresso;

c) pelos representantes de sociedades agricolas e scientificas, nacionaes ou estrangeiras, da União, dos Estados e municipios, e dos estabelecimentos officiaes que forem convidados;

d) pelos agricultores e industriaes que forem propostos e acceitos e contribuirem com a quota de 100$000.

CAPITULO II

DOS TRABALHOS DO CONGRESSO

Art. 4.º Os trabalhos do Congresso serão divididos pelas seguintes secções:

1.ª Mecanica agricola.
2.ª Pequena lavoura.
3.ª Productos agricolas de exportação.
4.ª Generos de consumo no paiz.
5.ª Fruticultura.
6.ª Forragens.
7.ª Industria pastoril.
8.ª Sylvicultura.
9.ª Acção dos poderes publicos.
10.ª Mutualidade e credito agricola.

Art. 5.º As monographias terão por objecto os seguintes assumptos:

1.ª Secção — Melhoramento dos terrenos de cultura com auxilio da mecanica agricola. Valor economico dos instrumentos de lavoura na organisação do trabalho rural.

2.ª Secção — N. 1. Cultura dos principaes productos da pequena lavoura.

N. 2. Meios praticos para o desenvolvimento da pequena lavoura na Capital Federal.

3.ª Secção — N. 1. Aperfeiçoamento da cultura de café e indicação das variedades preferiveis, no intuito de diminuir o custo da producção agricola.

N. 2. Preparo e acondicionamento do café, tendo em vista a sua valorisação.

N. 3. Modo pratico de promover o desenvolvimento do consumo do café.

N. 4. Aperfeiçoamento da cultura da canna de assucar, tendo em vista o augmento de sua riqueza saccharina.

N. 5. Cultura, colheita e preparo da herva-matte.

N. 6. Cultura das plantas textis. Aperfeiçoamento da cultura do algodoeiro; meios de desenvolvel-a.

4.ª Secção — N. 1. Cultura dos cereaes e grãos; sob o ponto de vista da pequena e da grande lavoura.

N. 2. Cultura dos tuberculos. Da batata ingleza e da mandioca; seus preparados e resultados economicos.

5.ª Secção — N. 1. Cultura da videira. Preparo e acondicionamento das uvas frescas ou seccas. Melhoramento da vinificação no Brazil.

N. 2. Estudo das principaes culturas, fructicolas existentes e a desenvolver no paiz.

6.ª Secção — Estudo agricola das principaes forragens nacionaes e estrangeiras para desenvolvimento de nossa industria pastoril.

7.ª Secção — N. 1. Estudo das raças bovinas do paiz; meios de aperfeiçoal-as e desenvolver sua exploração.

N. 2. Estudo da criação de suinos no paiz; meios de melhoral-a e desenvolver sua exploração.

8.ª Secção — Importancia da sylvicultura. Bases para a organisação do serviço florestal no paiz.

9.ª Secção — N. 1. Funcção dos poderes publicos no desenvolvimento da agricultura. Meios praticos para a sua efficaz intervenção no Braizl.

N. 2. Ensino agricola em geral; meios de organisal-o no Brazil.

10.ª Secção — Importancia das associações de mutualidade e de credito na agricultura. Bases para organisação das diversas fórmas dessas associações no Brazil.

Art. 6.º O Museu de agricultura e industria rural constará de:

a) productos de agricultura nacional e os similares estrangeiros;

b) productos nacionaes das industrias derivadas da agricultura;

c) productos da industria pastoril;

d) utensilios, alfaias e machinas agricolas empregadas ou cujo emprego convenha ao progresso da agricultura;

e) adubos; apparelhos e preparados insecticidas.

Art. 7.º Terminada a exposição do Muséo, o Congresso elegerá um jury para a distribuição de premios honorificos aos expositores que mais se distinguirem nas diversas especialidades.

Art. 8.º Os premios consistirão em diplomas de tres gráos, cujos titulos e emblemas, organisados pela Commissão Directora do Congresso, deverão lembrar a data commemorada.

Art. 9.º As conferencias terão logar no edificio da exposição e deverão referir-se, de preferencia, aos productos expostos.

CAPITULO III

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 10. A organisação do programma para o Congresso caberá ao Conselho Superior da Sociedade Nacional de Agricultura, que confiará a sua execução a uma commissão directora eleita, composta de 1 presidente, 1 vice-presidente, 2 secretarios e 1 thesoureiro.

§ 1.º A Commissão Directora prestará contas ao Conselho Superior.

§ 2.º Compete-lhe a nomeação dos redactores das monographias, cujas conclusões devem entrar em discussão no Congresso, bem como a direcção de todos os trabalhos do Congresso.

§ 3.º A Commissão Directora é autorisada a distribuir as theses a que se refere o art. 5º, do modo por que julgar mais conveniente.

Art. 11. As monographias, devendo ter o maior cunho pratico, a Commissão Directora, bem como a Directoria da Sociedade, providenciarão para que os respectivos redactores encontrem as informações e meios de observação de que carecerem.

Art. 12. O Conselho Superior organisará opportunamente um regulamento para direcção e custeio do Museo, que, uma vez inaugurado, se tornará permanente.

Art. 13. A Directoria fornecerá as sommas necessarias á realisação do Congresso e de accordo com a Commissão Directora providenciará sobre a acquisição dos recursos necessarios a esse fim, além do que dispõe o art. 3º, lettra (*d*).

Art. 14. O Congresso se reunirá no dia 14 de julho de 1900.

Art. 15. As monographias de que trata o art. 5º não deverão exceder sensivelmente de 50 paginas de oitavo commum.

§ 1.º Os originaes das monographias e de quaesquer memorias offerecidas á Sociedade com destino a figurarem no Congresso, deverão ser enviados á Commissão Directora até 30 de abril de 1900.

§ 2.º As monographias, memorias e quaesquer outros trabalhos que a Sociedade resolver apresentar por occasião do Congresso, serão distribuidos gratuitamente pelos membros do Congresso.

Art. 16. Os productos destinados ao Museo deverão ser remettidos á Commissão Directora do Congresso, na séde da Sociedade, a partir de 1 de junho de 1900.

A Commissão Directora: *Dr. Henrique Vaz*, presidente.—*Dr. Wenceslão de Oliveira Bello*, vice-presidente.—Engenheiro *Domingos Sergio de Carvalho*, 1º secretario. — Capitão de mar e guerra *José Carlos de Carvalho*, 2º secretario. — *Alberto de Araujo F. Jacobina*, thesoureiro.

Centro da Lavoura de Café do Brazil

CIRCULAR

Illm. Senhor — A lavoura de café do Brasil, estendendo as suas plantações, em consequencia do preço remunerador que obtinha o seu producto, especialmente no Estado de S. Paulo, onde a uberdade do terreno e abundante producção activaram a energia e attrahiram o emprego de grandissima somma de capitaes, confiando no augmento do consumo de sua producção, achou-se avassallada por uma crise de baixa de preços que, encontrando meio adquado, foi habilmente explorada pelos interessados na baixa.

Para amparar a lavoura e oppôr barreira á desastrosa baixa, não sendo possivel diminuir a producção, urge o emprego de meios para a collocação do genero, o que só se póde conseguir por propaganda séria, constante, tenaz, feita pelos lavradores auxiliados pelo Governo da União e pelos dos Estados productores de café, interessados na reorganisação da lavoura que, quando prospera, sustará os effeitos da crise financeira que exhaure o nosso paiz, expandirá o commercio, que está asphyxiado por falta de meios de troca, dará incremento ás industrias que da lavoura tiram a materia prima e para ella fabricam seus artefactos.

Os abaixos assignados, delegados do Centro dos Lavradores Paulistas e da Sociedade Nacional de Agricultura, constituindo o *Centro da Lavoura de Café do Brasil*, com intuito puramente patriotico e interessados no bem commum e no seu particular, como lavradores e ligados aos interesses agricolas, propoem-se a propagar o consumo do café brasileiro, levando-o aos centros consumidores, onde é mantido o preço que pagavam outr'ora, tornando conhecidas as suas qualidades, que não são sobrepujadas por nenhum outro café de procedencias bem reputadas, sob cuja denominação a melhor parte do café brasileiro lhes é apresentada, destruindo o conceito de ser o café do Brasil sempre de má qualidade, por ser até agora apresentado como nosso o genero de qualidade inferior, obtendo a collocação em consumo de toda sua producção e consequente remuneração dos immensos capitaes e actividade empregados na lavoura, contam que só os lavradores podem e devem trabalhar para esse fim, e por isso vos pedem a cooperação de dar uma, duas, tres ou mais saccas de café por milheiro de arrobas que colherdes em vossas plantações, sendo a equitativa contribuição por milheiro de arrobas proporcional ao lucro que advirá certamente desta ingente e patriotica campanha.

Confiando na utilidade da propaganda, esperam que vos digneis despachar directamente ao «Centro da Lavoura de Café do Brasil», no Rio de Janeiro, com aviso dirigido á «Sociedade Nacional de Agricultura» — praça 15 de Novembro, caixa do Correio, n. 1245.

Para a cidade de S. Paulo ou para Santos, com aviso ao Centro dos Lavradores Paulistas, com séde em Campinas ou directamente aos vossos correspondentes commissarios, para que entreguem ao Centro tantas saccas por mil arrobas de vossa colheita annual e isso todos os annos, para que seja continua a propaganda e dilatada em todos os paizes consumidores.

Rogam-vos resposta favoravel e immediata, para que o Centro saiba, desde já, com que recursos conta para iniciar seu arduo trabalho.

Centro da Lavoura de Café do Brasil. — Rio de Janeiro, novembro de 1899.— Presidente, Dr. *José Cardoso de Moura Brasil*. — Vice-Presidente, *Barão de Ataliba Nogueira*. — Secretario, *José Carlos de Carvalho* — Thesoureiro, *Barão de Aguas Claras*. — *Adolpho Botelho de Abreu Sampaio*. — *Jorge Miranda*. — *Theodoro de Carvalho*. — *Victoriano Ferraz do Amaral*. — Dr. *Leopoldo Cesar de Andrade Duque Estrada*. — Dr. *João Teixeira Soares*. — Dr. *Henrique Cesar de Sousa Vaz*. — *Paulino Tinoco*.

Regulamento para o serviço de propaganda para o augmento de consumo do café do Brazil no estrangeiro

O superintendente é o representante unico do Centro da Lavoura de Café do Brazil junto ás autoridades diplomaticas e consulares brazileiras e junto ás associações commerciaes e agricolas fóra do paiz.

Ao superintendente compete, quanto á propaganda official:

§ 1.º Auxiliar o Governo da União no trabalho official que se fizer em favor do augmento de consumo do café do Brazil no estrangeiro:

a) propocionando ás Legações e Consulados do Brazil os elementos precisos para a defesa do nosso café, sob o ponto de vista da sua qualidade, quantidade, preço, procedencia e preparo.

b) organizando a estatistica comparada da producção, consumo e valores do café.

c) fazendo o estudo dos principaes artigos da producção de cada paiz e do consumo geral no Brazil, que possam ser favorecidos, de preferencia nos impostos de importação, em troca de favores eguaes para o nosso café.

d) organizando noticias, prospectos e informações, que tenham de acompanhar as amostras do café do Brazil, destinadas ás Camaras Commerciaes, Museus e Associações dos paizes em que fôr feita a propaganda.

Quanto á *Propaganda particular*:

§ 1.º Estudar em cada paiz dos escolhidos para o inicio da propaganda do nosso café:

a) a capacidade mixta do consumo actual e as condições para o augmento e a sua progressão.

b) as qualidades e origem do café preferido, seu custo até o centro de consumo.

c) os processos a que é sujeito o café, desde que chega ao porto de importação até que entra na circulação para os effeitos commerciaes do retalhista.

d) os processos de torrefacção, trituração e preparo da bebida usada na economia domestica e na exploração dos cafés publicos.

e) o modo da distribuição do café nos estabelecimentos officiaes, sua qualidade, quantidade e procedencia.

f) a praxe commercial seguida nas transacções feitas com café em suas differentes operações.

g) a disposição de cada um dos intermediarios que negociam com este genero, para a nova ordem de cousas, consequentes da propaganda a favor do consumo do café do Brazil.

h) os meios praticos mais efficazes para tornar conhecidas as qualidades proprias do café do Brazil, e adoptado o seu uso de preferencia ao de qualquer outra procedencia.

i) a conveniencia ou não da montagem de casas especiaes e por conta do proprio Centro, para o commercio a retalho do café do Brazil.

Para execução dos differentes trabalhos constantes dos artigos anteriores, o superintendente será auxiliado por pessoal de sua exclusiva escolha, por isso mesmo que é o unico responsavel para com o Centro da Lavoura de Café do Brazil, a que fica obrigado:

a) a remetter trimensalmente ao Centro um relatorio circumstanciado do que houver feito a respeito da propaganda, acompanhado da demonstração das despezas realizadas.

b) a remetter ao Centro para deliberar por si directamente, acompanhadas da competente informação, todas as propostas que lhe forem dirigidas sobre negocios que digam respeito ao commercio do café e não se prendam immediatamente ao serviço especial da propaganda.

c) a não assumir compromissos em nome do Centro, que possam ir além da verba destinada para o serviço da propaganda a seu cargo, nem proceder de modo que possa prejudicar os creditos do nosso paiz.

d) a não fazer negocio por conta propria, emquanto for o depositario da confiança do Centro e dirigir o serviço da propaganda, nem occupar-se de negocios extranhos á sua commissão.

e) a representar o Centro, tambem nos casos marcados em procuração especial.

f) a organizar semestralmente um relatorio circumstanciado de todo o serviço que estiver estabelecido no estrangeiro, e bem assim o balancete do movimento financeiro da Commissão.

Rio de Janeiro, novembro de 1899.— Presidente, Dr. *José Cardoso de Moura Brazil*.— Secretario, *José Carlos de Carvalho*, capitão de mar e guerra.— Thesoureiro, *Barão de Aguas Claras*.

As proximas plantações

Approximando-se a primeira época de plantações do anno, julgamos opportuno lembrar aos agricultores a necessidade de prestarem ao sólo os cuidados que elle reclama, para poder produzir de modo remunerador.

Nenhum exemplo tem preoccupado mais que este a attenção dos homens que estudam as questões agricolas, quer o façam por interesse proprio, si são agricultores intelligentes e progressistas, quer por dedicação ao interesse geral, de que se tenham constituido advogados, por dever profissional ou por amor á causa publica.

Não faltam subsidios, os mais amplos, detalhados e exactos para quem quer estudar os trabalhos que exige o preparo do sólo e bem assim a demonstração de suas vantagens e o porque de sua efficacia.

Não faremos indicação de livros a consultar, pois longa seria a relação. Nos numeros da «*Lavoura*», publicados desde o principio do anno de 1898, encontram-se as necessarias informações esplanadas em grande numero de escriptos.

O proprietario de uma uzina, o senhor d'engenho, o dono de uma distillação, todo aquelle que tem um engenho de café, antes de começar o trabalho industrial do anno, prepara a casa e as machinas de sua industria.

Não se limita elle, certamente, a uma simples limpeza do edificio e dos apparelhos, aliás reclamada pela esthetica, pela hygiene e até mesmo pelas conveniencias do trabalho.

Faz mais: examina os machinismos, peça por peça, lubrificando-os, para que trabalhem bem e se gastem pouco e corrige, concerta os defeitos que resultaram do trabalho da ultima safra ou colheita. Attende elle ainda a outros detalhes; providencia, por exemplo, para que não falte combustivel, para que o suprimento de materia prima se faça regularmente, emfim, dispõe sua fabrica de modo a trabalhar nas melhores condições, dando o maximo de seu rendimento com o custo minimo por unidade de producto.

Um preparo, igualmente previdente, reclama o terreno que vae ser plantado, pois, como já tivemos occasião de mostrar em outro trabalho, *o sólo é a fabrica do agricultor*.

Na sua expressão mais geral, é isso conhecido por todos. Na verdade, nenhum lavrador ha que semeie sem primeiro mandar *fazer terra* para a plantação.

O *fazer terra* consiste n'uma raspação do matto, á enxada, de modo a deixar ver a côr do terreno limpo por entre as moitas em que é empilhado o matto.

Para muito mais serve a enxada; mas o trabalho tradicional não vae além d'isso.

Ora, muito longe fica essa operação, absolutamente primitiva, muitas vezes secular, do preparo que o sólo exige, especialmente quando não é mais questão de terrenos virgens, mas sim de terras que todo o mundo se cansa de chamar cansadas.

Essa capina, retirando o matto que abafaria as novas plantas ao nascer, corresponde, permittam-nos a comparação, ao vasculhamento e limpeza que recebem as machinas, para que corpos extranhos que acaso existissem sobre ellas não deteriorassem os productos, ou mesmo, não as impedissem de trabalhar.

O machinismo, perém, isto é, o sólo, que vae fabricar os productos agricolas, esse nenhum preparo recebeu. Não foi melhorado no seu estado physico; os elementos chimicos, que têm de entrar em acção, não foram augmentados e os que existem não ficaram em melhores condições de trabalho; nenhuma providencia foi dada para que a agua e os principios mineraes do sólo e do ar, que são os excitantes dos phenomenos vitaes das plantas e que, juntamente com as sementes, constituem as materias primas da industria agricola, concorram nas precisas condições para que a fabrica dê um rendimento maximo, com o custo minimo por unidade do producto.

O agricultor, portanto, que manda *fazer terra* pelo modo por que viu fazer, quando era pequeno, não prepara seu sólo, nem mesmo como prepara seu alambique ou seu engenho para o trabalho da safra.

Só o desejo de ser agradavel aos que ainda se sentem escravisados aos processos antigos é que nos poderia fazer dizer que o terreno em que elles plantam por essa fórma está em condições equivalentes áquellas em que o deixou a ultima colheita, pois, na verdade, elle se esgotou na proporção do matto que produziu, desde então, e peiorou ainda pelo trabalho da enxada, que, alisando a sua superficie, difficultou ainda mais a penetração do ar e da agua.

Não pretendemos, neste artigo, doutrinar a respeito do preparo do sólo, mas sómente salientar o erro imperdoavel em que incorrem os agricultores, que limitam a uma simples capina o preparo do terreno em que vão plantar e lembrar-lhes as operações que são necessarias para que o sólo dê resultado remunerador e, ao mesmo tempo, para que as propriedades ruraes não se desvalorizem progressivamente pelo esgotamento crescente de seus terrenos.

Só pelo amanho, isto é, pelo preparo mecanico e pela adubação ou supprimento de fertilisantes, póde o sólo receber um preparo que satisfaça aquelles fins.

Eis uma velharia que é preciso dizer e repetir como se novidade fôsse.

De bem pouco tempo precisou a humanidade para saber que é necessario revolver a terra por meio do arado, ainda que esse seja de pau, como foi o primitivo, e adubal-a com detrictos vegetaes ou animaes, para que ella possa produzir, por longo tempo, fartas colheitas; o que quer dizer que a lavra pelo arado e a adubação contam longos seculos de existencia, contemporaneos, como são, das mais antigas gerações da velha China.

Fazemos justiça aos lavradores nossos patricios, acreditando que elles tambem conhecem essa verdade secular e o diriamos sem hesitação, por amor proprio de brazileiro, ainda que não estivessemos convencidos disso.

Ha poucos dias ainda, nosso illustrado e venerando mestre, Sr. Barão de Capanema, confirmava esse presupposto, referindo em um importante trabalho que lêu em nossa Sociedade, que todos os fazendeiros sabiam muito bem que os cafeeiros vicejão com todo o explendor nos arredores das habitações por causa das estrumações com que são accidentalmente beneficiados, e accresentava — elles porém, que sabem disso, não estrumam seus cafezaes.

Eis porque é necessario insistir nestas velharias.

Não basta certamente que os lavradores, ou por seu natural bom-senso ou porque leram ou ouviram dizer, conheçam os effeitos do arado e do estrume: é preciso que os appliquem ás suas culturas.

Difficil é abandonar habitos de longa data contrahidos, e reformar praticas contemporaneas dos tempos de infancia, sobretudo quando essas praticas deram fortuna aos antepassados.

Si estivessemos doutrinando, diriamos que os processos variam em seus effeitos com as condições em que são empregados e mostrariamos que as condições da lavoura são hoje muito diversas d'aquellas em que trabalharam nossos pais e avós, já quanto á fertilidade do sólo, já quanto á mão de obra do trabalho agricola, já quanto a concurrencia na producção.

Mas, não. Todos sabem que os terrenos, ao cabo de algum tempo de cultura, esgotão-se; que a lavra duplica a productibilidade da terra; que o estrume, além de augmentar enormemente as colheitas, conserva a fertilidade do sólo. Sabem que o trabalho de 1 arado vale pelo de 12 enxadas, fazendo o serviço muito melhor e de maneira a influir sobre mais de uma colheita; que mil cousas que existem nas fazendas, desaproveitadas, muitas d'ellas pouco asseiadas e antihygienicas, são excellentes fertilisantes.

Sabem alguns que cada sacco de café que exportamos retira da terra tres kilos de principios mineraes de que ella precisa para produzir e que, portanto, só a producção do café brasileiro, avaliada em 10 milhões de saccos, retira 30 milhões de kilos ou cerca de 2 milhões de arrobas dos referidos principios, o que, certamente, tem esgotado as terras, que assim reclamam restituição pelos adubos, para que não lhes aconteça o que succede aos paizes, em que não se renova annualmente a provisão.

Sabem, finalmente, que pelo amanho e adubação do sólo todos os productos agricolas sahem por muito menor custo de producção. Conheccem todos esses principios geraes da boa agricultura, mas não os applicam.

Contra essa força conservadora e retrogada do habito, só a acção persistente e progresista da propaganda, que ensina, aconselha, recommenda, lembra, insiste, pede, que abandonem o systema secular, que hoje é a ruina e a substituam pelo da agricultura intelligente, que póde dar prosperidade.

Essa é á missão das associações e revistas agricolas: *Clama ne cesses*.

E' o que fazemos agora, aproveitando a opportunidade das proximas plantações e o faremos ainda, até que a reforma da agricultura brazileira se tenha realisado.

W. Bello

A lagarta cornuta do fumo

(PROTOPARCE CAROLINA, LINN)

Vezes innumeras temo-nos occupado do plantio do fumo, que, cultivado já entre nós, é, comtudo, susceptivel ainda de uma exploração muito mais vasta, visto como o augmento sempre progressivo do consumo faz augmentar o seu preço na proporção da procura, mormente quando o producto é bem fabricado. Não temos em vista, pois, falar agora de sua cultura, senão de um terrivel lepidoptero, verdadeiro inimigo, que, entre muitos outros, tem a solanacea americana, á que elle, por suas larvas, causa extensas depredações em todas as phases de sua vida e, principalmente, nos páizes tropicaes, em todos os logares onde é cultivada.

Queremos alludir a essas numerosissimas, grandes e feias lagartas verdes, que tão frequentemente se encontram nos fumaes, quasi sempre na lamina inferior das folhas do fumo, roendo-as e destruindo-as durante todo o anno. Nenhum cultivador, certo, as desconhece.

Referimo-nos ás *lagartas cornutas*, conhecidas, entre os entomologistas, sob o nome de *Protoparce Carollina* Linn., especie muito semelhante a uma outra não menos voraz (*P. celeus* Hübn.), que vive fóra dos tropicos e que tambem ataca o fumo nos E. Unidos e outros paizes. Ella é tão facil de distinguir pelos caracteres que lhe são proprios, que qualquer pessoa que os saiba discernir logo as reconhece, não sendo necessario auxiliar-se de estampas.

Effectivamente, empolgam logo a attenção do observador curioso o tamanho das que têm já attingido ao seu completo crescimento, o chifre encurvado e rôxo que cada uma traz no meio do segmento posterior do corpo e as sete raias obliquas e brancas situadas de cada lado do corpo, que é todo de côr verde terna. O insecto perfeito é mais custoso de ser visto, como borboleta crepuscular que é. Elle tem uma longa tromba, que traz curvada no peito e por meio da qual suga o nectar das flôres de diversas plantas de sua predilecção, as quaes as têem de corolla tubular, mais ou menos infundibiliforme, como o proprio fumo, a allamandia amarella, a madresilva, o estramonio, a trombeta, as campainhas, além de muitos vegetaes trepadores, preferindo sempre as flôres de nectar mais doce.

A borboleta deposita os ovos, que são numerosos, no anverso das folhas do fumo de qualquer variedade, cultivada ou silvestre, dando-se a eclosão delles em seis a oito dias e começando as larvas, desde logo, a sua obra de destruição espalhadas por toda a planta, desde os peciolos das folhas até ás ramificações das paniculas ramosas.

O vulgo lhe dá o nome do *esphinge* ou *brucha* do fumo, tendo cada uma dez manchas arredondadas, desiguaes e alaranjadas egualmente distribuidas nos flancos.

As lagartas, trinta dias após a eclosão dos ovos, teem attingido ao seu completo crescimento, mudando de pelle quatro vezes durante este curto periodo de tempo e tendo cada uma, mas quando totalmente desenvolvida, quasi duas pollegadas de comprimento.

A nympha ou chrysalida vive no solo logo abaixo da superficie e faz-se reconhecer distinctamente pelo appendice alado de que é provida a cabeça, sendo o corpo de côr grisalha e terminado em ponta de fuso.

Suas lagartas vivem nas plantações de fumo do Kentucky, da Carolina do Sul, da Florida, da Louiziania, de Cuba, de Porto Rico, do Mexico, do Rio de Janeiro, de Minas Geraes e de Campinas e outros logares do Estado de S. Paulo, onde são communissimas, sendo, entre nós, perseguidas por numerosos parasitas, cujas larvas brancas vivem em seu corpo, e são atacadas por uma molestia que as mata em grande numero.

A destruição das lagartas pelos inimigos naturaes, porém, faz-se de modo insufficiente para exterminal-as e pôr o fumo ao abrigo de

suas devastações; e não diminue o perigo, porque em uma só estação se succedem diversas gerações, cujo numero varia com o clima regional em uma unica estação; no Mexico, em Cuba, em Porto Rico, etc., contam-se cinco; no Brazil quatro e em alguns annos cinco; na Florida tres e quatro, etc.

Nos paizes mais quentes, onde ha sómente duas estações bem descriminadas, contam-se seis gerações.

Vê-se, pois, quão consideravel deve ser a extensão dos estragos que taes lagartas ou *gusanos*, como as chamam em Cuba e no Mexico, causam ás plantações de fumo.

Em geral, a primeira geração não causa grande destruição; mas da segunda em diante é enorme a devastação feita pelas largatas, cuja voracidade é espantosa.

Neste ultimo caso, raro é, ás vezes, encontrar-se um unico pé de fumo, ainda nas mais extensas culturas, que não apresente, pelo menos, algumas folhas estragadas.

Nota-se, porém, que, em alguns annos, poucas larvas apparecem; em outros, ao contrario, sobretudo havendo ao mesmo tempo muita chuva e calor, é extraordinario o numero e, então, a safra se póde considerar muito reduzida, sinão irremissivelmente compromettida, sendo o prejuizo tanto maior quanto ellas devoram e arruinam as folhas, principalmente as maiores e mais largas, aquellas precisamente em que o cultivador fundava as suas esperanças.

Nenhum dos inimigos do fumo, excepto o *cercospora nicotianæ*, cryptogamo que em poucos dias propaga-se a toda a plantação, manchando, amarellecendo e deseccando-lhe as folhas, é mais damnoso e terrivel do que a lagarta cornuta dos tropicos.

E', portanto, da maior conveniencia que o nosso cultivador, para prevenir os grandes prejuizos que taes largatas soem causar ás plantações, conheça alguns meios de destruição, de que, em dado momento, possa lançar mão.

Até agora, elle tem sómente adoptado o processo da *lagartagem*, que consiste em catar as lagartas, serviço quasi sempre commettido a meninos; mas é preciso convir que isso não basta.

Um plantador de fumo deve visitar todos os dias a sua plantação, pois ha sempre o que fazer no fumal, tantos são os amanhos a executar durante o cyclo vegetativo, como os cuidados que as plantas reclamam desde o momento da transplantação até ao fim da colheita das folhas, cuidados que não são impunemente esquecidos.

Assim procedendo, não lhe é difficil achar o momento para agir contra as lagartas; e, tanto que appareçam as primeiras, elle deve, sem mais demora, cuidar de pôr o fumal a salvo do ataque, que mais tarde, com a multiplicação das lagartas, tomará proporções desmedidas.

Si são poucas, elle póde destruil-as á mão, catando-as com as precisas cautelas e o maximo geito, afim de se não estragarem as folhas que, delicadas e quebradiças, ficariam facilmente inutilisadas em quantidade bem apreciavel.

No caso, porém, de um numero já consideravel, o lavrador procederá immediatamente ao trabalho de aspergir todas as plantas com o *verde de Pariz*, bem finamente moido, em suspensão n'agua, na proporção de 500 grms. por 550 — 600 litros de vehiculo.

A applicação, que nenhuma difficuldade offerece e só tem o contra de ser, na grande cultura, um pouco mais enfadonha, é feita muito vantajosamente por meio de um *pulverisador*, servindo bem o *Eclair* de Vermorel, já muito conhecido dos nossos viticultores.

E' vão o receio de que o verde de Pariz prejudique a qualidade da colheita. O cultivador nada tem a temer por esse lado.

O plantador de fumo deve operar, tanto que appareçam as primeiras lagartas pequenas, exactamente como faz a do algodão quando surgem as primeiras dos *curuquerès*; e, se lhe fôr possivel, fará pulverisações mesmo antes do apparecimento das lagartas.

Podemos assegurar, baseado na experiencia pessoal, que o verde de Pariz é effectivos.

Nos Estados Unidos da America do Norte, as lagartas cornutas, de que fallámos, são tambem combatidas pelo verde de Pariz, segundo expõe Howard no *Yearbook of the department of agriculture*, 1898, pag. 130.

Os estragos que ellas causam em differentes Estados teem dado logar a muitas experiencias no sentido de chegar-se ao seu exterminio, cousa que não é facil.

Como o insecto perfeito procura, de preferencia, as flôres do *Datura stramonium*, alguns cultivadores de fumo norte-americanos costumam plantar esse vegetal nas vizinhanças do fumal, para lhe envenenarem, depois, as flôres, o que fazem pondo dentro de cada companula ou corolla bem situada (sendo suppressas as que não se prestam ao processo) um pouco de agua assucarada, envenenada pelo cobalto.

O liquido consta de uma onça de cobalto e a quarta parte de um quartilho de melaço, ou mesmo mel, em um quartilho de agua. E' com que o preparam os cultivadores da Louiziania, que dão-se ao trabalho, tanto elles temem as vorazes lagartas, de, á tardinha, distribuir pelas flôres o liquido envenenado, artisticamente dispostas as campanulas em taboas sustentadas por estacas plantadas em diversos pontos.

Muitas dessas estacas devem ser postas dentro e fóra da plantação.

De modo que as plantas, que eram outr'ora totalmente destruidas, com empenho, pelos cultivadores, porque attrahiam, pelas flôres, as borboletas e, por estas, augmentavam o numero de larvas destruidoras, são, agora, poupadas em parte e mesmo plantadas onde não as ha,

para, por meio das mesmas flôres, elles extinguirem o maior numero possivel de *bruchas*, sem as quaes, de resto, não ha lagartas.

Como semelhante artificio, feito com a necessaria experiencia, tem sido efficaz, imaginaram fazer artificialmente, de louça ou de estanho, flôres com as mesmas dimensões, fórma e côr das do *Datura extramonium*.

Ha annos já, o primeiro entomologista da *Repartição de Agricultura dos Estados Unidos*, o Sr. Fowsend Glover, como se lê no livro que ficou atrás citado, suggerira a idéa, que alguns cultivadores puzeram em pratica.

Em 1897, o professor W. G. Jonhson, do Maryland, experimentou outra preparação assucarada contendo arsenico, para ser posta em vasos collocados sobre estacas fincadas em todo o campo cultivado, de modo a ficarem um pouco mais altas que a summidade das plantas, obtendo satisfactorio resultado.

Esses processos, porém, por mais efficazes que sejam, são menos simples ou, relativamente, menos expeditos do que o tratamento pelo verde de Pariz, que será applicado, pelo menos, tantas vezes quantas as gerações de lagartas na localidade.

Succede, entretanto, que as da ultima geração, estando ainda muito pequenas na época do córte do fumo, ou antes delle, escapam á acção do veneno, por ficarem occultas e abrigadas sob as folhas mais ou menos inclinadas, que, cortadas, vão para o armazem com ellas, vivendo e continuando a estraga-las nas proprias pilhas de fermentação.

Em tal caso convém que, antes de postas a fermentar em pilhas, sejam as folhas attentamente examinadas todos os dias, afim de se poder, pela destruição das lagartas existentes, impedir a destruição do producto em trato industrial.

Para evitar que algumas, ainda, tenham logrado escapar ao exame do tratador do fumo, poder-se-ia submetter todas as folhas a empilhar á acção do sulfureto de carbono e só depois conduzil-as para o armazem ou *casa de curtir*.

Para impedir que haja maior estrago nas folhas do fumo em cultura, o lavrador deve trazer o solo constantemente expurgado de toda e qualquer vegetação estranha, não poupando, especialmente, uma só solanacea que, porventura, appareça no campo ou nas cercanias.

A herva moira, o tomateiro e as trombetas *attrahem muito as borboletas do Proto parce Carolina*. Ainda por meio das pulverisações com o verde de Pariz póde o lavrador destruir ou afugentar esses numerosissimos escaravelhos ou cantharidas, que vivem nos batataes e nas pimenteiras, devorando-lhes as folhas, e que ainda assaltam o fumo, como o fazem em S. Paulo, onde são conhecidos sob o nome de *vaquinhas*, de que ha diversas especies damninhas, do genero *Epicauta*, segundo a moderna classificação dos entomologistas.

As *mondas*, ou hervas más, mais perigosas são as da familia das Solanaceas, porque nellas é que se refugiam ou vivem as grossas lagartas de chifre rôxo, que são, incontestavelmente, as que maiores damnos, entre nós, acarretam ás plantações de fumo.

Entretanto, quaesquer outras que appareçam por entre o fumo devem ser logo extirpadas, visto como poderiam, si fossem poupadas por negligencia, amesquinhar muito o desenvolvimento das plantas e, deste geito, tirar ao fumo propriedades e qualidades que o tornariam, devidamente conservadas ou produzidas no tratamento, capaz de rivalisar com o melhor artigo similar de outras paragens, onde a cultura obedecesse á pratica de assiduos cuidados e racionaes processos.

G. D'UTRA.

Falsificação do café no Exterior

O problema mais palpitante da actualidade no Brazil é sem a menor duvida o do « Café e do Cambio ».

Por isso, homens dos mais illustres e scientificos se têm occupado com a solução desejada e tem emittido as suas opiniões para conseguir uma melhora de ambos.

Entre muitas dessas opiniões sobresahe a que se concretisa na divisa: « trust contra trust » que devia ser a chamada e a deixa no theatro da guerra contra os especuladores da baixa e contra os depreciadores do café. Ao mesmo tempo, luta-se com a concurrencia do café estrangeiro, concurrencia que vae augmentando, coadjuvada pelos melhores typos do café brasileiro, que são vendidos mais caros, sob as denominações de café procedente de outros paizes, como sejão Ceylão, Java, Sumatra, Mocca etc. Finalmente, deve-se dar as providencias necessarias em prol da propaganda do café, para pôr fora de combate as falsificações e imitações do café no Exterior, pondo no lugar d'ellas o café legitimo, cujo consumo augmentaria consideravelmente com auxilio dessa medida.

O objecto destas despretenciosas linhas é, dar ligeira idéa da immensidade de falsificações e fabricações do producto, que no estrangeiro se chama: « café ».

Os « yankees » da America do Norte, que se tornou o maior consumidor do café brazileiro, inventaram uma fabricação do grão de café, que faculta ao fabricante exportar o seu producto inventado como café legitimo, mesmo para Europa. Sobre o assumpto assim se exprime o « Scientific American »:

« Até agora, era crença geral que não podia ser enganado o publico si comprava o seu café em grão, moendo-o em casa depois de torrado;

porém isso já é uma illusão, porque agora fabrica-se em grande escala na America do Norte grãos de café artificiaes e tão bem imitados, que é muito difficil distinguir o producto falsificado do grão de café crú.

Essa imitação se faz de tabatinga, por meio de prensas especiaes em moldes, que têm uma capacidade de cem grãos, e para dar á estes grãos de tabatinga a côr do café natural são elles queimados ligeiramente, e misturados depois com o café legitimo. Na torrefacção se coram esses grãos de barro, produzindo uma côr identica ao grão de café verdadeiro, de maneira que não se póde mais distinguil-os.—»

Sob o ponto de vista hygienico, essa falsificação não é nociva á saude— mas sim á bolsa do comprador, porque a tabatinga torrada e moida por occasião do cozimento naturalmente vae ao fundo, misturando-se com as borras do café; porém a bebida tão deliciosa e inimitavel do café não fica mais agradavel ao paladar, nem mais consistente com essa introducção de — lama.

Em Bruges, na Belgica, se fecharam, dous moinhos de chicorea pelo facto de empregaram annualmente 20.000 kilos de *turfa* para a falsificação do «café de chicorea», comquanto os pacotes d'essas fabricas levassem o rotulo dizendo que pagar-se-ia mil francos á quem denunciasse uma falsificação do «café de chicorea».

E então esse «café de chicorea» não é uma falsificação? Na «Europa» nunca! chama-se lá «surrogado»!

Entretanto, cultiva-se em grande escala a chicorea (Chicorium Intybus. L.) na Belgica, na Hollanda, na Allemanha, na Austria-Hungria e na Inglaterra, para utilisar-se das raizes da planta em substituição do café, *que é mais caro*.— 20.000 kilos de raizes (e 80 kilos de folhas que servem de forragem) é o rendimento por hectare dessa cultura, que precisa de um cultivo racional com estrumação, afolhamento e preparação esmerada do solo, porque tira bastante força da terra; a semente p. e. enterra-se por meio de machinas modernas, de 2 a 4 metros de largura etc.

A raiz da chicorea, que não contem materia alguma que possa ser qualificadade equivalente ou mesmo aproximada ao café, torra-se, depois de cortada em pedaços, em grandes torradores, como se usa tambem na torrefacção do café, e moida converte-se n'um pó, que é accondicionado em pacotes de 60 a 120 grammas para o mercado. Essa massa de chicorea côr de café fornece 13°/₀ de materia corante, dando á agua, ao mesmo tempo, sabor um pouco amargo-doce, além do «aroma» d'oleo queimado, que se forma na torrefacção.

Como já fica dito, esse preparado de chicorea não possue nenhuma das boas qualidades, que fazem do café uma bebida universal, e apezar

(*) (Uma das tres especies da chicorea, sendo a mais conhecida C. Endivia, e a outra C. Crispum.)

d'isso é ainda falsificado, como vimos, com turfa, e com as raizes da beterraba, farinha de tijolos, minio etc.

Na Europa, existem não menos de 450 fabricas de «café de chicorea» tornando-se este um producto de grande consumo e procura, principalmente para as classes pobres — os mais abastados o misturam com o café legitimo—ao lado dos «cafés» fabricados de centeio, cevada, trigo milho, bolota, beterraba, cenoura, batata, figo, semente de espargos, dos grãos de *Astragalus baeticus L.*, da tamara e da— uva !

A producção do «café de chicorea torrada» só na Allemanha, por exemplo, sobe á 58.670.000. kilos por anno, o que representa um valor de 4.250 contos de reis e para o consumo do café uma diminuição igual.—

D'isto tudo devemos concluir que o nosso café no exterior ha de vencer não sómente á concurrencia do producto similar senão tambem das suas falsificações, imitações e surrogados para ser apreciado e valorisado convenientemente na sua pureza e authenticidade, sendo illudidos n'este sentido diariamente milhares de europeos.

Demais, sabemos que é urgentememente necessaria uma propaganda seria para estabelecer a troca directa do café brasileiro entre os productores e os consumidores, evitando e destruindo até d'este modo a influencia perniciosa dos intermediarios e depreciadores, porque todo o lucro, que offerece o café, cae nas mãos dos «trusts» e dos falsificadores e o productor trabalha—por gratidão !—

PAULO M. C. FLADRICH.

A Industria Assucareira na Hespanha

Da grande quantidade de plantas que podem fornecer chimicamente o assucar, duas apenas teem merecido a acceitação dos industriaes para obtenção commercial de productos sacharinos destinados ao consumo : a *canna de assucar* ou *canna-mel*, como se a denominava antigamente na Hespanha e a *beterraba*, ou *remolacha*, em hespanhol.

A industria saccharina teve sua origem no Oriente, na India, d'onde se estendeu á China, á Arabia, Syria e ao Egypto.

Não se tem determinado a data exacta de sua apparição nos mercados do mundo.

Em todo o caso, parece que na Europa não foi conhecida senão depois das grandes conquistas de Alexandre-Magno.

O assucar era mesmo pouco conhecido e empregava-se como remedio, apparecendo pequenas quantidades nos mercados em que elle era vendido juntamente com outros productos alimentares ou pharmaceuticos.

Na idade média, vendia-se juntamente com a theriaca nas apothecas que recebiam mercadorias e raras especiarias do Oriente,

Foram os arabes que introduziram na Europa a canna doce da India Oriental e que começaram a cultival-a em Chypre, Candia e outras ilhas do Mediterraneo oriental, d'onde passou á Sicilia e á Calabria, entre os annos 1150 e 1200 da nossa éra.

Foi nesta época que os mesmos arabes implantáram o cultivo da canna de assucar no Norte da Africa, no Meio-dia e no levante das costas hespanholas.

Desde a sua implantação na Peninsula, o cultivo da canna e a fabricação de assucar obtiveram rasoavel desenvolvimento, especialmente nos reinos mouriscos de Granada e Almeria, sendo as *vegas* de Malaga e de Velez-Malaga as que mais se celebrisaram na producção de assucares.

No principio do seculo XV, sómente no termo de Motril, pequena povoação do reino de Granada sobre a costa do Mediterraneo, existiam 14 engenhos, produzindo em média 3.400.000 *arrobas* de assucar por anno, apezar da imperfeição dos apparelhos rudimentares conhecidos naquella época.

Almuñecar, Salobreña, Adra e outras localidades vizinhas, tambem eram grandes productoras de assucar, attingindo toda a comarca um grande apogeo nesta rica industria.

Com a expulsão dos mouriscos andaluzes, começou a decadencia e, em muitos logares, a total ruina da fabricação de assucar.

Em um trabalho que ha annos publiquei na *União-Hespanhola*, desta Capital, dei mais amplos detalhes sobre a importancia que esta industria tem nas comarcas andaluzas, acompanhado de curiosas informações sobre o pessoal empregado na mesma e que formára importante nucleo de revoltosos contra a dominação de Castella, na famosa guerra das Alpujarras.

Foram os hespanhoes e os portuguezes que introduziram na America o plantio da canna e o fabrico do assucar, adquirindo immediatamente extraordinario desenvolvimento as duas importantes industrias.

De algum tempo a esta parte, pode-se dizer, de uns 30 annos para cá, a plantação de cannas e o fabrico de assucar adquiriram novo desenvolvimento no meio-dia da Hespanha, notadamente na costa SE, onde eram innumeras as plantações e não menos numerosas e importantes as fabricas de assucar, com machinismos aperfeiçoados.

Fortunas tão importantes como as dos Harios e os Heredias de Malaga, os Agrela de Motril e os Martines Rodas de Granada empregavam grande parte dos seus haveres nesta industria nascente.

Uma lei iniqua, uma de tantas com que o Governo da Metropole galardeou os ingratos anthethanos, favorecendo a industria saccharina das colonias, em detrimento da producção peninsular, deu em terra com

os esforços dos agricultores, dos fabricantes e dos capitalistas hespanhoes, e numerosas fabricas tiveram de fechar, sendo a consequencia natural o retrahimento por parte dos plantadores de canna e o definhamento da industria, que, com tão bons auspicios, acabava de renascer no Meio-dia da peninsula.

Actualmente, existem em Hespanha umas 25 fabricas de assucar de canna, quasi todas ellas estabelecidas nas provincias de Malaga e de Granada, e montadas com apparelhos e machinismos os mais modernos.

A producção annual destas fabricas é calculada em 25 a 30.000 toneladas.

Com o descobrimento do processo para fabricação de assucar de beterraba e como consequencia da lei, que favorecia a producção colonial hespanhola de assucar de canna, a industria que empregava este tuberculo para fabricação de *assucares nacionaes*, como elles começaram a ser denominados, tomou desde logo grande desenvolvimento na Hespanha.

A beterraba da-se bem em quàsi todas as provincias hespanholas.

A fabricação de assucar de beterraba foi iniciada em 1882, instalando-se em Cordoba a primeira fabrica deste genero.

Com a perda das colonias ultramarinas, é que a industria assucareira tem tido na Hespanha maior desenvolvimento.

Notadamente em Saragoça, tem-se constituido uma importante empreza de fabricação de assucar de beterraba denominada « A Nova assucareira ». O seu capital é de 2.700.000 *pesetas*, e é o seu primeiro presidente o ex-ministro da Fazenda D. Tomás Castellanos.

Esta empreza está construindo ou adaptando aos novos misteres da industrina saccharina nove fabricas na provincia de Saragoça — além destas, devem citar-se na mesma provincia as não menos importantes seguintes: a antiga do Arrabal, cujas acções eram cotadas, no fim do anno passado, a 260 °/₀ ; outra no logar de Casetas, em construcção e que se suppõe será a mais importante de toda a Hespanha, e que deverá ter iniciado seus trabalhos para fins do anno corrente.

As acções desta fabrica são cotadas a 135 °/₀, com um desembolso apenas de 50 °/₀ ; outra, situada perto da ponte-pensil do rio Gallego (antiga fabrica de farinhas de Villaroxa & Castellanos) com os trabalhos bastante adiantados e com as mesmas cotações que a precedente ; outra, em Gallur, formada recentemente, mediante a constituição de uma sociedade com amplos recursos para desenvolver o negocio em grande escala, e emfim, uma ultima usina apparelhada de accordo com os ultimos melhoramentos, que se está edificando no termo de Rahal.

Espera-se, e é o proposito destes novos fabricantes, que estas cinco fabricas de assucar de beterraba estejam em movimento em outubro do anno corrente.

Em Aranjuez, perto de Madrid, está-se construindo outra fabrica, propriedade de uma companhia de que é presidente o conde de Benalua.

Apenas se annunciou a constituição, em janeiro do anno passado, da Sociedade Vallisoletana de fabricação de assucar de beterrava, foi grande o offerecimento de capitaes que tiveram os seus iniciadores, tanto de Valladolid (velha-castella) como de fóra da capital, e das provincias.

Na capital Vallisoletana apurou-se o offerecimento de 6.136.000 *pesetas*, completando o resto, até 7.207.000 *pesetas*, os subscriptores de fóra.

Os iniciadores apenas solicitaram do publico 2.000.000 de *pesetas* (pouco mais de 2.000:007$000).

Em consequencia disto, tem-se procedido a forte rateio, tendo sido eliminados desde logo os subscriptores que não eram vinculados na provincia, conseguindo-se com isto que a empreza seja constituida, conforme a intenção dos seus iniciadores, por capitalistas genuinamente vallisoletanos.

Em Torrelavega, tambem estam muito adeantados os trabalhos da fabrica de assucar que alli está sendo construida.

Tambem na Galicia tem-se fundado a «Assucareira gallega» e, em meiado do anno passado, o gerente da mesma, com o intuito de alargar a sua fabricação, fez distribuir, gratuitamente, sementes de beterraba entre os lavradores de Levez, Geve, Bora, Mourete, Salcedo, Villaboa, Poyo e Combarro. Nas Asturias, estão sendo edificadas as fabricas de Lievas, Villaciciosa e Avilez.

As ultimas noticias que temos a respeito do desenvolvimento da industria sacharina na Hespanha, referem-se á creação em Pamplona, capital da Navarra, de outra importante sociedade, com grandes capitaes e que edifica duas grandes usinas, em Pamplona e em Villafranca.

As plantações de beterraba estendiam-se largamente na provincia, com o que os lavradores pensavam resarcir as perdas que lhes causara a philoxera das vides.

Julga-se que os capitaes das companhias anonymas dedicadas á fabricação de assucares attingem actualmente a 55 milhões de *pesetas*.

A producção das fabricas de assucar de beterraba é ainda incerta, e não podemos fornecer a respeito dados dignos de consideração.

Julga-se que na proxima campanha estarão em plena producção cêrca de 36 fabricas nacionaes, quer de canna, quer de beterraba.

Só as fabricas de Granada moeram, o anno passado, até 300.000 toneladas de beterraba. Os plantadores da provincia de Malaga, por sua vez, acham-se muito animados com os maiores preços adquiridos pelas suas cannas, principalmente nos logares de Nerja e de Torrox, na costa do Mediterraneo.

O consumo nacional de assucar é calculado em 100.000 toneladas, cifra redonda.

Estimando, por sua vez, em 2.000 toneladas o producto das 36 fabricas em condições de fabricação, teremos o total de 72.000 toneladas, pouco mais ou menos.

O *deficit* para cobrir as restantes 28.000 toneladas tem de ser supprido pela producção estrangeira.

« Uma salutar e patriotica aspiração — diz um escriptor hespanhol referindo-se ao cultivo da canna — será a de bastar ao nosso consumo com a nossa producção e nada animará tanto o capital empregado nesta lucrativa empreza como a manutenção da pauta alfandegaria que obrigará a ficarem no paiz os 80 ou 90 milhões de pesetas, que representam, sob a base dos preços normaes, o que teriamos de consumir fóra de casa.»

E accrescenta — « As 100.000 toneladas de assucar de que precisamos, necessitariam 50 fabricas, que, por sua vez, teriam de recorrer á producção de 1.250 hectares de terras.

« O total de 62.500 hectares de campos necessarios as 50 fabricas representariam, por sua vez, 10.562.500 diarias de operarios ou sejam mais de 19.000.000 de *pesetas*.

Emfim, sendo de 24 toneladas a producção média do hectare á razão de 40 pesetas a tonelada, representam 60.000.000 de *pesetas*, que será o producto bruto da terra.

« Calculando o valor das 100.000 toneladas num preço variavel entre 80 e 90 *pesetas* os 100k., o valor da colheita e o de sua transformação seria de 80 a 90.000.000 de pesetas.»

O autor deste trabalho apresenta diversos mappas demonstrativos, para fazer ver a importancia que tem na Hespanha o cultivo da canna.

Sirva a minha boa intenção de dar a conhecer no Brazil os dados que precedem para me ser perdoada a minha prosa semsaborã.

A iniciativa da plantação de beterraba na provincia de Saragoça deve-se, sem duvida, em grande parte, ao agricultor Sr. Julio Otero, homem de sciencia, entendido e pratico agricultor, que ha uma dezena de annos vem estudando os meios de debellar a crise agricola de Aragão e especialmente a que tanto tem affectado os ribeirinhos do Ebro.

Referindo-se a esta propaganda, dizia ha tempos um chronista de Barbastro para o *Liberal* de Madrid:

« Impunha-se um cultivo industrial que concentrasse muita mão de obra e exigisse pouco capital. Nenhum tão apropriado como o da beterraba saccharina, cujo consumo é tão grande, como de todos é sabido.

« As experiencias do Sr. Otero teem durado oito annos e o seu resultado tem sido o seguinte: 35 a 40.000 kg. de beterraba por hectare

com 12 a 15% de riqueza saccharina. Na Allemanha, apenas se tem attingido a 30.000 kg. ainda que com maior riqueza saccharina.

« Tem-se chegado ao periodo de execução e vae-se montar a primeira fabrica. A fé do Sr. Otero está patenteada no facto delle empregar toda sua fortuna nesta empreza. Elle tem a intima convicção que daqui a poucos annos as margens do Ebro serão o primeiro centro productor de assucar na Hespanha. De Tudela a Saragoça cabem folgadamente 16 fabricas com 600 hectares cada uma, no minimo, para producção da materia prima.

« Nestes calculos teem-se tido na devida conta as causas do fracasso que á producção assucareira tem soffrido em algumas plantações de Andaluzia.»

O *Avisador Numantino* de Soria fazia-se éco ultimamente da idéa de se fundar naquella provincia uma fabrica de assucar de beterraba, á semelhança das que com tanto exito estavam sendo installadas em Saragoça e Valladolid.

ADOLPHO MORALES DE LOS RIOS.

Rio, 1 de 1900.

A Sulla

Numerosos foram os ataques que me valeu a minha propaganda a respeito da *sulla, sanfeno hespanhol ou hedysarum coronarium*, sobretudo a sua introducção no afolhamento que apresentei como modelo nas minhas conferencias e no meu Almanack Illustrado do Lavrador Brazileiro.

Sempre a velha historia dos páos fluctuantes do bom do Esopo. *Ignotus ergo inimicus !*

Posso, porém, apresentar hoje um valioso exemplo, bem topico no caso, que vem a geito para completar o meu ensino por uma irrefutavel licção de cousas.

Fornecel-o-á o Sr. Senador Devincenzi, um dos mais conhecidos agronomos praticos, si bem que em terra propria, da Italia, nas suas celebres cartas *dello Senatore Devincenzi al suo amico A. Ronna*, carta que este se apressou de publicar, para ensino dos lavradores italianos.

Trata-se das duas fazendas de *Cologna* e *Montepagano*, nos Abruzzos, o antigo *Brutium*, que, mal rendendo com que pagar a mão de obra, ha ainda poucos annos, alcançaram hoje *perto de 105.000 liras de rendimento annual, e isso, graças á sulla.*

E' bom notar que a terra das ditas fazendas é *um loam argilloso, contendo de 30 a 40 % de slicia, e muito pouco calcareo*, que torna a lição inteiramente applicavel aos nossos terrenos, accrescendo a

circumstancia de haver necessidade de irrigal-as, para maior assimilação.

O producto primitivo era devéras animador ! o milho dava 273 litros por hectare, ou *dezeseis saccos de sessenta kilos por alqueire de dez mil braças quadradas ;* o trigo, 487 litros ; a cevada, 558 ; as favas, 100.

Cultiva-se a sulla, como pasto e amanho verde, e o quadro muda immediatamente. O milho rende 34 hectolitros por hectare, ou *duzentos e seis saccos por alqueire,* e o trigo, de 32 a 40 hectolitros por hectare.

Quanto á sulla rende 100 toneladas de pasto verde, 30 a 32 toneladas de feno por hectare.

O exemplo parece-me concludente ; por isso julguei conveniente indicar, neste nosso ensino agricola, o modo de plantação e cultura, e a rotação do afolhamento applicados pelo Senador Devincenzi.

Dividiu as terras cultivaveis das fazendas em seis folhas, ás quaes applicou a rotação seguinte.

1.º Milho com estrume de curral.

2.º Trigo com sulla.

3.º Sulla para córte.

4.º Trigo com sulla.

5.º Sulla para amanho.

6.º Trigo só.

E' necessario explicar o mecanismo dessa rotação.

O milho, planta *capinada,* inicia a rotação e recebe o estrume de curral.

O trigo *suja,* com effeito, a terra, favorecendo o desenvolvimento das hervas ruins ; o mesmo acontece com o estrume de curral. As mondas do milho são, portanto, absolutamente necessarias para limpar o sólo e preparal-o para as colheitas consecutivas.

Aproveita-se a occasião para dar á terra os phosphatos e calcarios suficientes ás seis folhas successivas ; quanto ao azoto, o pouco do estrume basta, desde que a sulla se ha de encarregar de completar o fornecimento. O excesso, aliás, não é prejudicial, a canna servindo do milho de alimento para os bois de trabalho.

Ao milho succede o trigo com sulla.

Esse trigo aproveita os fertilisantes deixados pelo milho, e occupa o terreno, sem prejuizo para um nem outro, durante o primeiro periodo da vegetação da sulla. Esta, com effeito, como já o disse alhures, é bisannua, e não dá plena producção senão no segundo anno.

Esta segunda folha dá, por conseguinte, uma colheita de trigo, e um córte de sulla ; acaba tambem de limpar a terra das hervas ruins, suffocadas ou mortas á fome pela robusta e viçosa vegetação da sulla.

No fim do terceiro periodo, a sulla, alcança dous metros de altura, e dá o ultimo córte para pasto, feito o qual, passa-se a charrua para

preparar o trigo seguinte; a terra conservou, dessa colheita, treze mil kilos de raizes de sulla, representando mais ou menos sessenta kilos de azoto.

O segundo trigo é identico ao primeiro: uma vez cortado, como elle, irriga-se e semeia-se a sulla no restolho.

A segunda sulla, que occupa a quinta folha, não dá sinão um córte; no fim da vegetação, enterra-se toda com a charrua como amanho verde, enterrando, dessa feita, mais de trezentos kilos de azoto por hectare, que vão servir ao trigo seguinte.

Este, encontrando a terra limpa pelas colheitas precedentes, e riquissima em azoto, é o melhor da rotação; mas, cultivado só, suja de novo a terra, que precisa de uma colheita capinada; é o milho que lhe succede, e voltamos á primeira folha.

A plantação da sulla não apresenta outra difficuldade, a não ser a dureza da vagem, que, persistente, oppõe grande obstaculo á penetração da humidade para atrasar muito a germinação. E' necessario aferventar as sementes, ou então, comprar sementes descascadas, cujo poder germinativo é de 70 a 80 %.

E' facil reconhecer quando a semente vem ainda envolta em sua vagem, toda enrugada, e armada de uma crista em serrilha. A semente limpa tem a fórma de um feijão minusculo de tres a quatro millimetros de comprimento.

Ha, porém, um meio, que já indiquei, para apressar a vegetação da semente em casca ou côco: colloca-se em um cesto de bambú ou de vime, e mergulha-se cinco minutos na agua fervente; ou, tambem, para poupar o combustivel, depois de um banho de alguns segundos na agua fervente, ensacca-se assim molhada, para semeal-a depois de oito dias.

A semente limpa não precisa de preparação.

E' muito melhor e mais economico semear esta ultima; com effeito, além de poupar a manipulação indicada, a quantidade a semear é muito menor.

Emquanto que é necessario semear cem kilos por hectare da primeira, vinte e cinco da segunda bastam.

Eis, para terminar, a composição centesimal da sulla, verde e fenada, para servir de base á alimentação do gado.

Verde:

Materias azotadas proteicas	2.08
» » não proteicas	0.30
» hydrocarbonatadas	5.75
» graxas	0.27
» mineraes	1.97
Cellulose	4.63
Agua e perdas	85.00
	100.00

Fenada :

Materias azotadas proteicas	11.63
» » não proteicas	1.70
» hydrocarbonatadas	32.19
» graxas	1.51
» mineraes	11.06
Cellulose	25.91
Agua e perdas	16.00
	100.00

o que dá, como unidades alimenticias praticas, pela formula de J. Kuhn, 78.84, tendo, o feno normal : 75.50, e o feno de alfafa, 96.40 ; quer dizer que 100 kilos de feno de sulla valem, como ração alimenticia, 105 kilos de feno normal e 82 kilos de feno de alfafa.

Fica bem entendido que tudo quanto disse aqui se refere á sulla bisannua, de flôres encarnadas, e não á variedade vivaz, cujas flôres são brancas.

G. Vert.

CHRONICA AGRICOLA

Durante o mez de dezembro do anno proximo findo, continuou a imprensa desta Capital a prestar á lavoura e á propaganda agricola d'esta Sociedade os relevantes serviços que d'ella sempre foram esperados.

A *Lavoura*, resumindo como póde algumas das innumeras publicações com que tem sido auxiliado o movimento agricola, só tem por fim assignalar aos lavradores a inestimavel cooperação da imprensa brazileira na solução urgente do problema economico nacional.

— Sobre a duvida, até poucos dias existente, quanto á importancia e quantidade da colheita proxima do café, foi publicada, como viram os nossos leitores no *Jornal do Commercio* de 1º de dezembro, a avaliação feita pela commissão encarregada d'este serviço nos Estados do Rio e Minas, a qual acredita não poder a futura safra attingir a mais de 2.250.000 saccas.

Si os calculos da commissão congenere de Santos, cujo parecer foi solicitado em officio dirigido pelo Centro da Lavoura de Café ao Exm. Sr. Barão de Ataliba Nogueira, conforme *Jornal do Commercio*, de 2 de dezembro, conservarem a mesma proporção entre este anno e os annos anteriores, parece-nos que ficará eloquentemente desmentido o boato, propalado nos mercados consumidores, ha algum tempo, pelos baixistas, dando como elevadissima a producção cafeeira d'este anno.

— Grande tem sido a impressão causada nos paizes como a França e a Italia, que, pelos elevados impostos com que oneram a entrada do café brazileiro em suas Alfandegas, provaram a natural e bem fundada reacção por parte do nosso Congresso applicando a tarifa maxima aos productos por sua vez exportados de seus portos para o Brazil.

A esse respeito o *Jornal do Commercio*, de 1 de dezembro, dá noticia da resolução tomada pelo governo brazileiro de só dar começo ao cumprimento dessa applaudida disposição legislativa, a partir de 1 de março proximo vindouro.

Não poderão, pois, os interessados accusar de violenta e precipitada a conducta do nosso Governo e terão tempo de sobra para providenciar como entenderem, a bem de seus interesses.

Em França, já se discute com fervor pela imprensa os prejuizos causados ao commercio, pela ameaça de uma guerra de tarifas, na qual seria ella a unica prejudicada.

O *Jornal do Commercio*, de 1 de dezembro, publicou um telegramma de Paris referente a um artigo de sensação publicado no *Siècle* pelo notavel economista Ives-Guyot, no qual com a autoridade que lhe assiste, condemnava a lucta imminente entre a França e o Brazil e aconselhava insistentemente um accordo entre as duas nações.

A *Gazeta de Noticias*, de 27 do mesmo mez, traz-nos esse brilhante trabalho, em que Ives-Guyot demonstra que essa guerra de tarifas seria a ruina do importante commercio de café em França.

O *Jornal do Commercio*, de 13 de dezembro, trouxe-nos tambem um artigo traduzido do *Siecle* em que Ives-Guyot termina dizendo: A Italia e a França só tem uma solução: diminuir os impostos sobre o café do Brazil; e no mesmo numero traduziu a resolução da Sociedade dos Industriaes e Commerciantes de França, protestando contra a guerra de tarifas e propondo ao governo a creação de laços duraveis de interesse entre o Brazil e a França.

O *Jornal do Commercio* do dia 21 de dezembro publica uma carta dirigida ao *Siecle* demonstrando os enormes prejuizos que teria a França com a paralysação do seu commercio com o Brazil.

E' de esperar, pois, que os governos francez e italiano, uma vez convencidos da perfeita conciliabilidade entre o interesse de seus paizes e a taxação equitativa do nosso principal producto, attendam ao justo clamor levantado no seio desses povos pelo peso asphixiante de taes impostos.

Felizmente por communicações como a que nos trouxe o *Jornal do Commercio* de 8 de dezembro sabemos que attribue-se em França á boa vontade do governo francez a alta sensivel que vão tendo os nossos cafés nos mercados importadores.

O Centro da Lavoura de Café continuou, durante o mez de dezembro, a desempenhar com o mesmo afinco e interesse de sempre a tarefa com que, desde o inicio de seus trabalhos, tantos serviços tem prestado ao paiz.

Em 2 de dezembro, encontramos no Jornal do Commercio a acta da sessão do «Centro» em que foi nomeada uma commissão para agradecer ao Exm. Sr. Presidente do Estado do Rio de Janeiro e á assembléa do mesmo Estado a lei votada por esta, concedendo a propaganda 2% da renda do imposto de exportação do café e isenção do mesmo imposto para o café exportado pelo «Centro».

No mesmo Jornal, no dia 7, em um interessante artigo, mostrava o nosso incansavel consocio e secretario d'aquelle «Centro», o Capitão de Mar e Guerra José Carlos de Carvalho, a conveniencia de ser iniciada a propaganda pelos paizes do Mediterraneo, sobretudo a Hespanha, que, com reducção de direitos de importação sobre o café, poderá ser um consumidor importantissimo de cerca de 300.000 saccas e poderá exportar para o Brazil grande numero de seus productos.

— Pelos Jornaes de dezembro vê-se igualmente que vão seguindo os seus tramites as negociações entre o Governo e o Banco do Brazil para acquisição da fazenda «Santa Monica», onde vae esta Sociedade installar a sua Fazenda Modelo e os seus Campos de Demonstração.

— Com relação aos utensilios e machinas agricolas do extincto Centro da Vargem Alegre, doados a esta Sociedade pelo governo do Estado do Rio, noticiou o Paiz, de 6 de dezembro, ter recebido á sancção do Em. Sr. Presidente do Estado a lei votada n'este sentido pela Assembléa Legislativa e o Jornal do Commercio, de 27, dava noticia da promulgação dada pelo Presidente d'aquella Assembléa, á referida lei.

— Continuou durante o mez, pelos numeros de 7, 10, 12, 13, 18 e 19 do Jornal do Commercio a publicação da serie de interessantes artigos dos Srs. Ortigão e Grimmer com uteis instrucções sobre a cultura da maniçoba. As observações praticas e scientificas dos Srs. Drs. Draenert, e Zeferino Meirelles e do Sr. Antonio de Medeiros em muito vieram realçar e esclarecer o assumpto.

— Sobre o movimento agricola que se opera salutarmente no interior chegaram-nos pela imprensa, em dezembro, noticias interessantes.

O Jornal do Commercio do dia 6 dá noticia da formação de mais um club agricola em Cataguazes.

O Paiz de 26 expõe a publico o regulamento do Centro Agricola Lagense, em Lage de Muriahé, associação igualmente nova.

Do Pará chegou-nos pelo Jornal do Commercio, de 13, a noticia da acquisição projectada por um syndicato belga de grandes extensões de terra em Castanhal e em Curuçá, n'aquelle Estado.

No Rio Grande do Sul, segundo nos informa o Jornal de 8, encetou-se um serio estudo para o desenvolvimento da cultura do trigo n'aquelle Estado, devendo o Dr. Welhauser, encarregado desta pesquiza, apresentar, em maio proximo vindouro, o resultado de seus trabalhos.

Fazemos votos para o rapido progresso destas associações e destes serviços.

— Para o Jornal do Commercio dos dias 28 e 29 de dezembro chamamos a attenção dos plantadores de canna de assucar; encontrarão ahi sob o titulo «Industria Assucareira» dois interessantissimos artigos do Sr. Dr. Draenert, em que este illustrado agronomo mostra a superioridade incontestavel da canna de assucar sobre a beterraba, sob o ponto de vista industrial.

Affirma ainda o Sr. Dr. Draenert que si não fosse a protecção extraordinaria dispensada na Europa á beterraba (facto conhecido por todos) e o abandono da canna de assucar no Brazil, de ha muito estaria morta a industria assucareira da beterraba.

Não podemos occultar a boa impressão que nos causou a leitura de duas publicações apparecidas durante o mez a que se refere esta chronica, no *Paiz* do dia 6 e no *Jornal do Commercio* do dia 8.

Esta ultima referia-se com justa indignação ao modo vandalico por que se está procedendo, no Rio de Janeiro, á destruição dos raros arvoredos, que a cidade possue.

E' realmente para desanimar a todo aquelle que acompanha e aprova a propaganda que fazemos para conservação de nossas florestas, a vista do que se passa na capital do paiz, sob a fiscalisação directa dos poderes publicos.

A revolta que nos causa semelhante depredação, obriga-nos, por prudencia, a evitar commentarios, acreditando que o nosso silencio tem neste caso mais eloquencia do que teriam os nossos protestos.

Aquella, sob o titulo « Pela Producção, pugnava, brilhantemente, em considerações cheias de erudição e de fé, pelos interesses da lavoura em geral, mostrava quanto tem esta sido entre nós descurada e collocava em seus justos termos a theoria commoda, prégada por alguns, da indifferença official, com relação ao fomento e soccorro ás fontes de riqueza nacionaes, ainda mesmo quando ameaçadas por uma crise economica como a nossa.

Cita o exemplo dos Estados Unidos e de diversos paizes da Europa sustentando e protegendo em todos os momentos sua lavoura e suas industrias, não ja contra as crises economicas e sociaes; porem mesmo contra a propria concurrencia commercial.

PREÇOS CORRENTES

Preços correntes de diversos generos durante a 2ª semana de dezembro, publicados no *Diario Official* de 17 desse mez:

Assucar:

Bahia — branco chrystal	$690
Pernambuco — branco chrystal 3ª sorte	$650 a $700
Somenos	$560 a $570
Mascavinho	$400
Mascavo superior	$430 a $440
Farófa	$420
Mascavo bom	$350
Mascavo	$340 a $360
Sergipe — Mascavo	$350 a $370

Arroz:

Rangoon — arracan	23$500 o sacco de 60 ks.

Algodão em rama por 10 kilos:

Pernambuco	14$000 a 14$500
Parahyba	13$800 a 14$000
Rio Grande do Norte	14$000
Sergipe	13$000

Café por 10 kilos:

Typo 1, 2 e 3,	nominaes
» 4	10$349
» 5	10$009
» 6	9$663 a 9$736
» 7	9$260 a 9$609
» 8	8$851 a 9$269
» 9	8$579 a 8$647
» 10	nominal

Farinha de trigo:

Moinho Fluminense e S. Leopoldo	39$000 a 41$000 2/2	
Rio de Janeiro Flôr Mills Brazileira	38$000 2/2	45 ks.
Nacional	40$750 2/2	45 »
Rio da Prata — Molino Oriental	31$000 2/2	44 »
Liberdade	32$000 2/2	44 »
União	34$000 2/2	44 »
America do Norte — Castilha e Chrystal	41$000 a barrica.	

Farello por sacco de 40 kilos:

Rio de Janeiro Flor Mills	3$500
Moinho Fluminense	3$600

Farellinho por sacco de 40 kilos:

Moinho Fluminense	3$400 a 3$800

Feijão por sacco de 60 kilos:

Mulatinho	13$500

Milho por sacco de 62 kilos:

Amarello do Rio da Prata	11$800

Oleo de algodão:

Americano	$950 o litro.

Pinho:

Spruce	80$000 a duzia.
Branco americano	$300 o pé.

Sal:

Macáu — bruaca 28 kilos	3$700
» — » 25 »	3$500

A. J.

VARIEDADES

Preparo das passas na Argelia.— Colhem-se as uvas bem maduras e sãs, as quaes são em seguida submettidas á operação do *branqueamento*, que consiste na immersão, durante alguns minutos, em agua fervendo, ou, de preferencia, em uma lixivia, em ebulição, feita com cinzas de galhos de parreira, especialmente. Em qualquer dos casos, o banho póde ser aromatisado com folhas de alecrim, altazemas ou outras plantas aromaticas, cozidas.

Terminada essa operação, procede-se á sécca, que é feita á sombra, pendurando-se os caxos em varas dispostas horizontalmente em aposento arejado, ou ao sol accondicionados os caxos, então em taboleiros de grade, que são recolhidos todas as tardes, evitando-se tambem as chuvas.

Neste ultimo caso, bastam tres a quatro dias para que estejam sufficientemente murchas, sendo preciso sempre evitar o completo desseccamento.

Assim preparadas, ficam as passas de observação, arrumadas em caixas abertas e em aposentos seccos e bem ventilados, onde são revistadas a miudo, e até mesmo retiradas das caixas para que sejam arejadas, supprimindo-se então todas as passas que estiverem môfadas.

Desde que tenham resistido bem durante um mez, podem ser armazenadas ou accondicionadas para o mercado.

Credito agricola. — A Sociedade Agricola da cidade de Santos, succursal da grande Sociedade Agricola Geral do departamento do Charente Inferieur, na França, para facilitar a execução do credito agricola, sob a fórma de *warants* garantidos pela agua-ardente, resolveu mandar avaliar o producto no proprio domicilio dos agricultores, sendo as pipas selladas em presença de um representante do juizo de paz; feito o que, a Sociedade faz o emprestimo de 2/3 da avaliação, certa de não perder, porquanto, a agua-ardente vae melhorando progressivamente, quando accondicionada em bom vasilhame.

A importação na França, conforme os dados estatisticos publicados pela administração das Alfandegas, foi de 3.465 902 000 francos, de 1 de janeiro a 31 de outubro de 1899, havendo uma diminuição de 262.343.000, para igual periodo do anno anterior. Houve augmento na importação de materias necessarias á industria (145.254.000), de objectos manufacturados (47.155.000); mas, relativamente aos generos alimenticios, a diminuição foi de 455.352.000 francos; a exportação foi de 3.189.214.000 francos, com o augmento de 359.040.000 francos, sobre o total de 1898.

O valor dos ovos importados na Inglaterra foi superior a 100 milhões de francos, em 1897, e de 111 milhões, em 1898.

A Russia forneceu 24 milhões de francos; a Allemanha e a França, 20 milhões cada um; a Belgica, 18 milhões, e a Dinamarca, 17.

Continúa a ser verificada a existencia da trichina nas carnes exportadas da America do Norte.

No mez de agosto do anno proximo passado, a trichina foi encontrada 26 vezes, em Altona, na carne, e 3 vezes no toucinho, e em setembro, 29 vezes. Em Hamburgo, em 1898, a analyse indicou 563 casos de carnes trichinadas.

E' merecedora de encomios a propaganda salutar emprehendida em Florianopolis, nas columnas da «Republica», pelo Sr. Dr. J. C. Greenhalgh, em favor da vulgarisação da cultura do trigo no prospero Estado de Santa Catharina.

Em complemento de seus louvaveis exforços, será de bom aviso, que o poder publico naquelle Estado prestigie com o auxilio necessario tão benefica propaganda, cujos resultados não podem ser duvidosos, tratando-se de uma região tão apropriada á referida cultura.

La Gazette Agricole, alludindo ao processo de conservação de ovos com auxilio de agua de cal, julga-o inconveniente, porque o liquido, ao fim de algum tempo, passa por endosmose atravez da casca, communicando seu sabor ao ovo.

Para evitar este facto, lembra a citada publicação o recurso de augmentar a densidade da agua de cal, juntando-se-lhe seis por cento de sal de cosinha e assim os ovos, no fim de seis mezes, ainda se conservarão frescos.

Segundo publicação da excellente revista *La Nature*, a producção dos vinhos em França foi avaliada em 47.907.000, no anno de 1899, o que dá um augmento de 16.625.000, com respeito ao anno anterior. Incluindo 4.648.000 hectolitros produzidos na Algeria e cêrca de 250.000 procedentes da Corsega, chega-se a uma producção total de 52.805.000 hectolitros.

M. Cornu, professor de cultura no Museu de historia natural de Paris, acaba de elaborar o catalogo das sementes e das plantas vivas que são offerecidas durante o inverno, 1899 a 1900, ás instituições de ensino. O catalogo em questão comprehende as sementes para jardins botanicos e as de plantas que podem ser destinadas á ornamentação, especies annuaes ou susceptiveis de serem cultivadas como taes, especies bisannuaes e vivazes. O catalogo das plantas comprehende especies vivazes, podendo servir para ornamentação, as arvores e arbustos podendo servir para as plantações dos jardins e dos parques e, finalmente, as plantas uteis, sob diversos aspectos.

As plantas offerecidas como specimens de collecção não se distribue senão um exemplar de cada specimen.

Pequena lavoura — O valor da exportação da França em legumes, frescos, seccos e em conserva, durante o anno de 1898, foi de vinte milhões e cem mil francos (20.100.000) ou cerca de *24 mil contos* de nossa moeda.

DISTINCÇÕES HONORIFICAS — O Sr. Dr. José Cardoso de Moura Brazil, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, foi nomeado socio correspondente do « Centro Industrial y Agricola » de Santiago, do Chili.

O Dr. Wenceslão Alves Leite de Oliveira Bello, secretario geral da mesma Sociedade, foi nomeado socio da *Society of Biological Chunistry*, de Londres.

A floricultura no japão — O Imperio Japonez tem se esforçado muito para bem se representar na secção horticola da exposição de Pariz, afim de mostrar os grandes progressos que os japonezes teem realizado na horticultura e especialmente no cultivo das flôres, em que são verdadeiramente notaveis.

Para esse fim, foi commissionado o Sr. Fonkaba, jardineiro-chefe do Mikado, que tem como auxiliares, tambem nomeados pelo soberano, os Srs. Itukava, horticultor, e Seito, grande proprietario japonez e fervoroso amante das flôres.

A commissão foi autorisada a hospedar as suas plantas nos viveiros da cidade de Pariz, em Auteuil, onde, com o maior esmero e proficiencia tem multiplicado os chrysanthemos nacionaes, bem como, entre muitas outras plantas, as cycas, os rhapis, os lilium e os iris.

A acquisição, a manipulação e o bom emprego dos adubos são as bases fundamentaes da agricultura.

Payen,

Membro do Instituto de França.

Le Naturaliste, em seu ultimo numero, refere ter sido verificada uma epidemia de diphteria no homem transmittida por aves contaminadas pela mesma enfermidade.

O microbio da diphteria peculiar ás aves, geralmente, determina no homem uma molestia menos grave que a produzida pelo microbio da diphteria toxica de Klebs Loeffer; mas, entretanto, póde dar lugar a anginas que occasionam a morte das pessoas atacadas.

Para lutar contra a referida molestia preconisa aquella *Revista* scientifica as seguintes medidas hygienicas: desinfectar os puleiros e colloçar em observação as aves que tenham de entrar para o gallinheiro.

Um tratamento que dá resultados satisfactorios consiste no emprego de uma dissolução de 50 grammas de sulfato de cobre, em 4 litros d'agua, a qual se applica por meio de uma penna, ás mucosas bocaes e pharyngeas das aves doentes.

Em complemento da informação a que nos referimos, julgamos acertado dar os symptomas da angina diphterica. Esta affecção se manifesta por abatimento, inappetencia, as aves doentes ficam com as pennas arrepiadas, andar vacillante, respiração offegante, narinas obstruidas por uma mucosidade, apresentam no véo do paladar falsas membranas espessas, de um branco amarellado.

Inimigo do cafeeiro — Nas possessões allemãs do Togo, Africa occidental, o café Liberia, COFFEA LIBERICA, Hiern, tem sido atacado pelo *Apate francescea*, F, insecto da ordem dos coleopteros.

Os cafeeiros de 4 a 5 annos são perfurados na base do tronco pelo Apate, que forma galerias interiores até os ramos, determinando a sêcca e queda das folhas e consequente morte das plantas, que, uma vez atacadas, estão perdidas, sendo preciso então as arrancar e queimar.

Procuremos multiplicar os adubos organicos e sejamos mais industriosos em os preparar e os empregar : a agricultura melhorará.

EM. BANDEMENT,

Professor do Instituto Agronomico da França

554 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1900